

## SEM NOME...

José Miranda Justo

Há um paradigma de transparência segundo o qual um caminho, por mais tortuoso que seja, se cruza necessariamente com outro, mais à frente ou mais atrás, de tal forma que, em última instância, haveria sempre uma saída do Labirinto. Quem não encontra a saída ou não se aplicou suficientemente, ou vítima de outrem.

A esta geografia mental, linear e (im)piedosa pode, contudo, contrapor-se uma outra, segundo a qual as descontinuidades povoam os caminhos, tornando-se mais sensíveis, mais prementes que a ficção de continuidade com que costumamos pavimentar a sucessão dos dias. À transparência opõem-se então as espessuras de uma cartografia dispersiva, resistindo à velocidade do olhar ou dos conceitos. Ao labirinto, de saída difícil mas prometida, vem agora substituir-se a violência de espaços sem outra topografia afectiva que não seja a da memória dos desejos.

É então que – se a paciência nos não desfalece – podemos começar a ver chegar as personagens que habitam nas proximidades desses territórios. Apresentam-se uma a uma, sem nome, sem história, como se o rosto, ou as mãos, ou uma dobra de sombra junto ao peito, tudo dissessem sobre uma energia que transportam consigo desde sempre e que as faz persistir muito para lá do que possa convir ao pensamento razoável.

O enigma que carregam flui em sentido inverso ao da dispersão da paisagem em que, quase provisoriamente, se implantaram.

E eis que se instala em nós uma certeza do nosso olhar mais lento, mais íntimo.

Simétrico destes olhares que nunca assim nos tinham enfrentado. Uma certeza igualmente sem nome, sem palavra redutora, sem sociologia nem estatística. É a certeza vital dos objectos estéticos capazes de desafiar o determinismo das nossas arrumações mais prosaicas. É a nossa certeza poética, orgânica, sem medida útil, a defrontar-se com o rigor de uma fronteira que os nossos olhos nunca tinham podido ver. Porque só nesta voluntária exclusão do típico e do accidental, das congruências já conhecidas e das surpresas amavelmente preparadas, só neste cruzamento singular da opacidade dispersiva das paisagens, com o silêncio central de cada personagem suspensa no seu trânsito, podemos de súbito entrever o rasgo, a fenda, a falha geológica que dentro de cada um nós há muito adormeceu no sono impotente da indiferença.

José Miranda Justo

*in* Transurbana, Catálogo da exposição, Lisboa, 1994; p. 3;

*in* Do Banal, do Cómico e do Trágico, exhibition catalogue, Fundação Cupertino de Miranda, VN. de Famalicão, 1998; pp. 54-57

## NAMELESS...

José Miranda Justo

*There's a paradigm of transparency according to which a path, no matter how devious, necessarily crosses another, far ahead or far behind, in such a way that, ultimately, there will always be a way out of the Labyrinth. He who doesn't find the way out hasn't tried hard enough, or was somebody else's victim.*

*To this geography, linear (un)merciful, one can however oppose another, according to which the discontinuities inhabit the paths, becoming more sensitive, more pressing than the fiction of continuity we are used to pave our days with. Against transparency are then opposed the thicknesses of a diffuse cartography, resisting the swiftness of the eyes or for our concepts. The labyrinth, with a difficult but yet promise way out, is now replaced by the violence of spaces without any other affective topography besides the memory of desires.*

*That's when – if one's patience doesn't fade – we can begin to see the characters that inhabit the vicinity of those territories. They arrive and present themselves, one by one, nameless, without past, as if the face, hands or fold of a shadow near the bosom could tell everything about an energy they carry within forever and that makes them endure far beyond what might suit the reasonable mind. The enigma they carry flows opposite ways to the dispersion of the landscape in which, almost temporarily, they implanted themselves.*

*It's then that the certainty of our more intimate and lingering looks settles within us. The symmetry of those gazes that had never faced us thus. A certainty equally nameless, without reducing words, without sociology or statistics. It's the vital certainty of aesthetic objects capable of defying the determinism of our most prosaic mental arrangements. It's our poetical organic certainty, without useful measure, facing the rigours of a frontier our eyes had never been able to see. Because only within this voluntary exclusion of the typical and accidental, of the familiar congruencies and the kindly prepared surprises, only in this singular crossing between diffuse opacity of landscapes and the inner silence of each character suspended in its transit, can we suddenly catch a glimpse of the split, the crack, the geological fissure that has for so long fallen inside each of us in the helpless sleep of apathy.*

José Miranda Justo

(Translation: Maria José Machado)

*in Transurbana, exhibition catalogue, Lisboa; 1994; p. 3;*

*in Do Banal, do Cómico e do Trágico, exhibition catalogue, Fundação Cupertino de Miranda,*

*V.N. de Famalicão, 1998; pp. 54-59*